



XVI Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Os desafios da Extensão Brasileira frente à curricularização e às mudanças paradigmáticas.
De 07 a 08 de março de 2023. Cajazeiras, PB – Brasil.

CANTEMUS – LABORATÓRIO CORAL DA UFCG: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS ENTRE 9 E 11 ANOS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE

Alexandre Magno Negreiros Pereira¹, Ian Junqueira Ayres Barbosa², Ionara Monique de Sousa Moireira³, Jackson Batista Domiciano⁴, Karla Rafaella Lima Santos Souza⁵, Vladimir Alexandro Pereira Silva⁶
vladimir.alexandro@professor.ufcg.edu.br

Resumo: O projeto de extensão CanteMUS: Laboratório Coral da UFCG teve como objetivo oferecer às crianças da rede pública e privada, entre 9 e 11 anos, uma introdução ao universo da música. Com cerca de 100 (cem) participantes, nos encontros semanais, ao longo do segundo semestre de 2022, trabalhamos técnica vocal, teoria musical, solfejo e interpretação de repertório. Os resultados, apresentados em quatro recitais públicos, indicam que houve aprendizagem e que o público-alvo despertou o gosto pela música.

Palavras-chaves: *Arte, Cultura, Canto Coral, Educação Musical.*

1. Introdução

O canto coral, na cidade de Campina Grande, sempre esteve ligado ao contexto universitário. Nos anos setenta e oitenta, por exemplo, a Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II, ganharam projeção nacional por conta dos seus corais. Durante muito tempo, grupos de diferentes partes do Brasil participaram do Festival de Inverno de Campina Grande e dos encontros promovidos pela Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira, iniciativas que foram interrompidas por conta de vários fatores. Com a criação dos cursos de Música da UFCG, em 2009, essa atividade ganhou nova expressão.

Ao longo dos últimos treze anos, vários coros passaram a atuar no âmbito da UFCG, incluindo o Coro de Câmara de Campina Grande, o Coro Infantojuvenil, o Coro Intergeracional e os Coros de Vozes Iguais (SSAA e TTBB). O CanteMUS — Laboratório Coral da UFCG foi criado, então, com o propósito de estimular tal movimento, congregando coralistas e regentes, oferecendo-lhes subsídios técnicos e artísticos que possam contribuir para a consolidação desta prática sócio-cultural-educativa. Sob a supervisão do coordenador do projeto, os conjuntos ligados ao CanteMUS são regidos por alunos da Licenciatura e do Bacharelado, que podem, por meio da atividade, associar teoria e prática, aplicando os conteúdos estudados em sala de aula, bem como os resultados das investigações

desenvolvidas nos diferentes grupos de pesquisa da Unidade Acadêmica de Música, conectando, assim, ensino, pesquisa e extensão.

No semestre 2022.1, nossas ações se voltaram para a prática coral infantojuvenil. Assim, realizamos uma parceria com a Secretaria de Educação do município a fim de trabalhar com as crianças da rede com o objetivo de introduzir as crianças, entre 9 e 11 anos, no universo da música, por meio da prática coral. Com cerca de 70 participantes da rede pública e privada, nos encontros semanais, trabalhamos técnica vocal, teoria musical, solfejo e interpretação de repertório. Ao todo, realizamos quatro apresentações públicas, marcando as culminâncias e o encerramento do projeto.

2. Fundamentação Teórica

O canto coral, enquanto atividade educativa, configura-se como o espaço ideal para o desenvolvimento de habilidades, dentre as quais a aprendizagem do solfejo, uma atividade prática que, quando associada ao repertório coral, torna o ensaio mais eficaz, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos teóricos musicais.

O regente-educador musical pode trabalhar diferentes conceitos por meio da literatura vocal, substituindo o treinamento pela aprendizagem [1, 2, 3]. Conforme Sloboda, o processo de aprendizagem e aquisição de uma habilidade, neste caso o solfejo, precisa ser pensado em todas as suas etapas, porque o conhecimento só consegue afetar o comportamento se houver uma regra de produção que possa agir sobre ele, visto que todo comportamento é procedimental. Por isso, os alicerces de qualquer aprendizagem são a repetição e o retorno [4]. As técnicas pedagógicas de ensaio e exercício são extensões da necessidade natural de repetir, não imposições totalmente externas. O progresso só é alcançado mediante um grau de prática repetitiva, que excede o que seria prazeroso ou intrinsecamente gratificante. Logo, a abordagem do solfejo, de forma isolada e descontextualizada na prática coral, pode comprometer este processo. Assim, é preciso associar o repertório aos conteúdos estudados.

Além disso, para assegurar a plenitude do processo de ensino-aprendizagem da prática coral é fundamental que a sala de ensaios seja preparada adequadamente. Deve-se

^{1,2,3,4,5} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁶ Coordenador, Professor Associado IV, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

cuidar da iluminação e da ventilação, natural e artificial, pois o conforto térmico contribui para o bem-estar do coro [5]. O tratamento acústico do espaço é determinante para o sucesso do trabalho, influenciando na realização do repertório e na sonoridade coral. O espaço físico precisa ser adequado ao tamanho do coro e às atividades que serão desenvolvidas. Cadeiras, armários, mesas, quadros, além de outros equipamentos, tais como pianos, aparelhos de som e televisão, devem ser alocados em lugares estratégicos e acessíveis.

Na sala de ensaio, os cantores devem ter à disposição partituras legíveis e bem editadas, papel em branco, lápis e borracha. Estes recursos materiais podem ser utilizados para registrar as anotações pessoais e as observações do regente. É necessário estimular os(as) coralistas, explicando-lhes as razões das solicitações ou comentários, fazendo com que eles compreendam o texto poético e musical das obras, ajam, de modo geral, de forma proativa [3]. Aproveitar cada momento deste encontro de permutas e aquisição de conhecimentos é, portanto, o princípio norteador da prática pedagógica do regente, porque no ensaio coral ocorre um intenso processo educativo, que é dialógico e fruto da parceria entre todos os participantes.

Na concepção de educadores como Kodály e Dalcroze, por exemplo, a aula de música deve ser sempre ativa, isto é, deve-se partir da prática para a teorização. Gordon complementa esse pensamento, dizendo que, para compreender, é preciso experimentar a música internamente, por meio de um processo mental denominado de *audiação* [6]. O ouvir com o cérebro, por meio das imagens mentais sonoras, é também um dos pilares da teoria de Sacks, que fala da sala mental de ensaios, lugar no qual ouvimos com o cérebro [7]. Nessa direção, Demorest propõe a elaboração de planos de aulas que incluem a etapa pré-notacional, a compreensão dos elementos da partitura, a entoação de melodias nos modos maior e menor, a uma e mais partes, bem como jogos. O solfejo, e sua conexão com o repertório, deve ser abordado gradualmente, assim como as diferentes formas e estratégias para avaliação do nível de aptidão dos coralistas, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo [6].

Em sintonia com tais teóricos, acreditamos que recitais e concertos devem ser compreendidos, portanto, como os produtos do trabalho desenvolvido ao longo de vários ensaios criteriosamente planejados e organizados. Tais atividades artísticas são ferramentas de avaliação importantes para a consistência da interpretação musical. Concebê-las como primordiais, como meta e objetivo exclusivos da prática coral, significa transferir o foco de atenção do processo para o produto. Assim, o ensaio, em nossa concepção, é entendido como construção coletiva, contando, em todas as suas etapas, com a colaboração e o engajamento de cantores e regente, favorecendo o crescimento musical, vocal, intelectual, afetivo e emocional de todos.

3. Relato da atividade

As ações do CanteMUS — Laboratório Coral da UFCG foram desenvolvidas entre julho e dezembro de

2022. Inicialmente, realizamos um curso de capacitação com 30 horas de duração com todos os bolsistas envolvidos e pessoas da comunidade, promovido pela FUNARTE, durante a realização do XIII Festival Internacional de Música de Campina Grande. Durante uma semana, os participantes tiveram a oportunidade de estudar com as professoras Juliana Melleiro (UFRJ), Silmara Drezza (Instituto Baccareli – UNICAMP) e Hammurábi Ferreira (UFCG), discutindo aspectos teóricos e práticos da atividade coral infantojuvenil. No encerramento da atividade, realizamos uma apresentação pública com 100 crianças (Figura 1).



Figura 1 – Vídeo da primeira apresentação.

Superada essa etapa, passamos a planejar as atividades, realizando reuniões semanais, nas quais fizemos leituras e criamos exercícios. A partir de agosto, começamos as aulas na Unidade Acadêmica de Música e na Escola Municipal Dr. José Tavares, no bairro Castelo Branco.

Nos encontros semanais, com duração de duas horas, os bolsistas realizaram atividades musicais, incluindo exercícios de técnica vocal, teoria musical, solfejo, leitura de partituras e interpretação de repertório (Figura 2)



Figura 2 – Aula-Ensaio na UFCG.

A aplicação do conteúdo era lúdica e envolvia atividades variadas, organizadas em quatro etapas:

1) Canção de acolhida: antes de iniciar as atividades, acolhemos as crianças com uma canção.

2) Aquecimento Corporal e Vocal: nessa etapa, trabalhamos ao som de uma música bem movida, que era executada no piano, enquanto as crianças alongavam todas as partes do corpo. Logo após, o aquecimento vocal com músicas curtas que trabalhavam a respiração, a ressonância e a articulação.

3) Repertório: selecionamos peças adequadas para a faixa etária, músicas que exploravam as possibilidades vocais das crianças. Todas as canções eram interpretadas com gestos coreografados, que ajudavam no processo de memorização da letra e transmissão da mensagem poética, especialmente as canções *Vida de Bicho* (Margareth Darezzi), *Canção da Primavera* (Vladimir Silva), *Na Floresta* (Patrícia França) e *Alecrim* (Tradicional). Os temas das obras que selecionamos na primeira fase contemplavam questões relacionadas ao meio ambiente e outros temas da atualidade.

4) Introdução à teoria musical: nessa etapa do projeto, abordamos elementos como notação musical e solfejo com cinco notas. A leitura rítmica era composta por exercícios simples com figuras de som e de silêncio, incluindo colcheias, semínimas, mínimas e semibreves.

5) Brincadeiras: ao término de todos os encontros, realizamos brincadeiras rítmicas para reforçar o aprendizado, abrangendo também algumas com movimentos, trabalhando o reflexo e a concentração dos participantes.

6) Canção de despedida: à semelhança do início da aula, encerramos com uma canção de despedida (Figura 3).



Figura 3 – Aula-Ensaio na Escola Dr. José Tavares.

Além do repertório secular, trabalhamos canções sacras, em virtude do período natalino, dentre as quais *Na manjedoura* e *Os reizinhos*, ambas de Vladimir Silva. Essas composições eram curtas, algumas pentatônicas e com ritmo bem simples e acompanhadas por piano, percussão e saxofone.

Ao todo, realizamos três apresentações: a) 2 de setembro de 2022, na UFCG-UNAMUS; b) 21 de outubro de 2022, no Museu dos Pandeiros; e c) 15 de dezembro de 2022, no Teatro Municipal. Todas as apresentações envolveram grande logística, pois era necessário assegurar o transporte e a merenda para as

crianças. Os professores da Escola Dr. José Tavares acompanharam todos os eventos que realizamos fora da sede.

A visita a lugares novos era sempre motivo de muita festa. A quebra da rotina atiçava a curiosidade das crianças, que, antes das apresentações, visitavam os espaços nos quais iriam cantar. Na UFCG, cantamos na sala BW 4. Lá, os bolsistas do projeto prepararam um recital didático e apresentaram duos, trios e quartetos de música vocal e instrumental. Antes de cada obra interpretada, uma pequena explicação. Após o término, abrimos espaços para perguntas da plateia. As crianças participavam, emitindo opiniões, tirando dúvidas (Figura 4).



Figura 4 – Concerto didático na UFCG.

Um dos momentos mais importantes na UFCG foi a apresentação do bolsista Jessé Andrade de Oliveira, que é deficiente visual. As crianças ficaram encantadas com a habilidade de Jessé Oliveira ao piano e fizeram várias perguntas sobre como ele conseguia tocar sem ver o instrumento e a partitura. Na ocasião, Jessé falou que tinha ouvido absoluto e como ocorria o seu processo de aprendizagem musical, tudo em sintonia com o pensamento de Sacks e outros teóricos [3, 4, 7]. Neste dia, depois da participação dos bolsistas, encerramos a tarde com as crianças cantando.

Na visita ao Museu de Arte Popular da Paraíba, da Universidade Estadual da Paraíba, as crianças conheceram o local destinado à literatura de cordel, à música e ao artesanato. Depois, apresentaram-se na parte externa do MAAP, chamando a atenção dos transeuntes. Neste dia, em alusão ao dia da criança, receberam lanches e brindes ofertados pelo projeto Bom é Na Feira (Figura 5).



Figura 5 – Apresentação no MAAP.

A última apresentação, no Teatro Municipal Severino Cabral, ocorreu em clima natalino e nos apresentamos com as crianças do CanteMUS e do Projeto Uirapuru, totalizando mais de cem crianças, que foram prestigiadas por suas famílias e professores (Figura 6).



Figura 6 – QR Code do Concerto de Natal.

4. Resultados e Discussões

Os impactos e as repercussões do projeto de extensão CanteMUS – Laboratório Coral da UFCG podem ser observados em vários aspectos.

Em primeiro lugar, é importante observar que, ao longo do processo, as crianças aprenderam se divertindo. O entusiasmo esteve presente em todas as etapas, pois, desde o começo, em julho, já com as professoras da FUNARTE, as crianças foram estimuladas, passando a oferecer o que elas tinham de melhor. O reforço positivo dos bolsistas e o apoio do corpo docente e técnico da Escola Dr. José Tavares foi fundamental para a aprendizagem das crianças.

Na aplicação das coreografias, percebemos o encantamento dos coralistas, que estavam envolvidos corporal e mentalmente, conectando voz e movimento na interpretação do repertório, quebrando a monotonia de uma aula convencional.

A presença de alunos com necessidades especiais também foi um desafio para os bolsistas, que ainda não estavam totalmente preparados para lidar com a situação. Auxiliados pelas próprias crianças e pela equipe escolar, aos poucos entenderam a dinâmica do trabalho. É importante destacar que a presença de um bolsista cego também foi relevante para as crianças, que nunca tinham se deparado com um professor de música cego. Nesse sentido, o tema inclusão e diversidade foi amplamente vivenciado numa via de mão dupla.

Para os bolsistas, de modo geral, experimentar as diferentes etapas deste intenso processo foi uma rica experiência, sobretudo no campo da prática coral infantil e infantojuvenil. Para quase todos, foi o primeiro contato com essa faixa etária, fato que encorajou toda a equipe a buscar aprimoramento com o intuito de atender melhor esse tipo específico de público.

Embora crianças, elas ultrapassaram as expectativas sobre o entendimento de conteúdo teórico musical e o aproveitamento de repertório. Desta forma, foram responsáveis por estimular o estudo e o aperfeiçoamento dos(as) regentes e professores(as) de música.

Em todas as ocasiões nas quais apresentamos os resultados parciais e final, as crianças cantaram o repertório trabalhado em sala de aula. As atuações foram conduzidas pelo coordenador do projeto e os alunos bolsistas, oriundos da Licenciatura e do Bacharelado. Houve ampla divulgação da atividade e grande cobertura da imprensa.

As parcerias foram fundamentais. Primeiro, com a Secretaria de Educação do Município, que gentilmente abriu as portas da Escola Dr. José Tavares para o desenvolvimento do nosso trabalho. Segundo, com a Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, que, por meio do projeto Bom É Na Feira, financiado pela Caixa Econômica Federal, disponibilizou recursos para pagamento de bolsistas que não estavam vinculados à UFCG, adquiriu um piano eletrônico que foi usado nas aulas e ofereceu lanches e brindes para as crianças após as apresentações.

A diversidade de lugares nos quais as crianças se apresentaram serviu para ratificar a função social da nossa ação extensionista. Além de tratar do intrínseco, isto é, a prática musical, o CanteMUS também criou oportunidades para que as crianças conhecessem novos lugares, expandissem seus horizontes. É interessante observar que, em nossas visitas, muitas crianças diziam que já haviam passado na frente daquelas construções, mas nunca as haviam visitado. Isso ocorreu no MAAP, na UFCG e, mais notadamente, no Teatro Municipal, que, muito embora esteja localizado num ponto central da cidade ainda é inacessível para a maior parte da população.

Ao facilitar o acesso das crianças e suas famílias a esses espaços, distantes, desconhecidos e restritos, intermediamos o contato destes sujeitos com o patrimônio arquitetônico e histórico do local onde vivem. Ao frequentar tais lugares e descobrir que eles são espaços públicos e abertos para toda a população, despertamos nas crianças o sentido de pertencimento, que é tão importante para o exercício da cidadania e o fortalecimento da democracia, pois, inspirados em Santo Agostinho, podemos dizer que “só se ama aquilo que se conhece.”

5. Conclusões

Um dos frutos mais importantes desse trabalho foi o Projeto Uirapuru, que nasceu a partir da assinatura do acordo de cooperação técnica entre a PMCG-SEDUC e a UFCG, oficialmente celebrado no dia 8 de julho de 2022, durante a apresentação das 100 crianças, no encerramento do curso de capacitação oferecido pela FUNARTE, como parte das atividades do XIII FIMUS. Na ocasião, e com o Teatro lotado, estavam presentes o prefeito de Campina Grande, o Secretário de Educação, a Pró-Reitora de Extensão da UFCG, o Coordenador do Projeto Uirapuru e a representante do Ministério Público do Trabalho. Fundamentalmente, o projeto prevê a

realização de atividades de teoria musical, solfejo, canto coral e variada prática instrumental para alunos do Ensino Fundamental I e II. Em sua primeira fase, devem ser contempladas 10 escolas, com a participação de 1.000 alunos. O Ministério Público do Trabalho (MPT) contribuirá com recursos para a compra dos instrumentos.

Conforme noticiado, a expectativa é que, ao longo dos próximos anos, o cenário musical em Campina Grande seja modificado, pois “novos talentos serão revelados, muitos dos quais estarão nos cursos de extensão, graduação e pós-graduação em Música da UFCG”, conforme destacou o Coordenador do Projeto Uirapuru [8]. Além disso, para o prefeito Bruno Cunha Lima, “a inclusão do ensino de música nas escolas municipais é fundamental para o processo educacional e para o estímulo de uma atividade cerebral que é essencial. Mais do que isso, Campina Grande sempre foi um destaque em todas as artes. Quem sabe agora estamos descobrindo novas estrelas na música a partir desta parceria” [8]. Atualmente, o Projeto Uirapuru está sendo desenvolvido em cinco escolas e deverá ser expandido para mais duas em tempo integral ainda este semestre. Ao todo, foram contratados dez monitores. Esse número deverá duplicar até o fim do ano.

As ações desenvolvidas pelo CanteMUS – Laboratório Coral da UFCG aproximaram a academia da comunidade na qual ela se insere. Esperamos que, com a continuidade do projeto, os resultados de tais ações possam ser percebidos a curto, médio e longo prazo, tanto nos aspectos educacionais, sociais e artísticos quanto no que diz respeito ao financeiro, sobretudo por conta da inserção da música na cadeia produtiva da cultura e da economia criativa.

6. Referências

- [1] FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem? Revista Opus, v. 1, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), 1989.
- [2] FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Curso de Pós-Graduação em Música. Dissertação de Mestrado, 1999.
- [3] PAUL, Sharon. Art & Science in the Choral Rehearsal. New York: Oxford, 2020.
- [4] SLOBODA, John. A Mente Musical. A Psicologia Cognitiva da Música. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008.
- [5] SILVA, Vladimir A. P. As múltiplas dimensões da prática coral. IN: LAKESCHEVITZ, Eduardo (Org.). Cadernos do Paine: a preparação do regente. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2016.
- [6] DEMOREST, Steven. Building Choral Excellence. Teaching Sight-Singing in the Choral Rehearsal. New York: Oxford, 2003.
- [7] SACKS, Oliver. Musicofilia. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.

[7] UFCG. UFCG e PMCG firmam parceria para oferta de educação musical na Rede Municipal. Disponível em <https://portal.ufcg.edu.br/ultimas-noticias/3654-ufcg-e-pmcp-firmam-parceria-para-oferta-de-educacao-musical-na-rede-municipal.html> Último acesso em 17 fev 2023.

Agradecimentos

À Prefeitura Municipal de Campina Grande que, por meio da Secretária de Educação, nos permitiu realizar esse projeto com as crianças da rede.

Ao corpo docente, discente e técnico da Escola Municipal Dr. José Tavares, pela acolhida e apoio ao longo dessa caminhada.

Ao projeto Bom É Na Feira, financiado pela Caixa Econômica Federal e administrado pela Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, pela concessão de bolsas e apoio logístico.

Às famílias dos(as) alunos(as) participantes, tanto aqueles(as) ligados à rede municipal quanto os(as) que estão na rede privada e participaram das atividades no âmbito da UFCG, por acreditarem em nosso projeto.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.